

Presidente "teflon"

JORNAL DA TARDE

MARIA VICTORIA BENEVIDES

29 MAR 1995

Ouçõ e leio por aí que teria terminado a lua de mel tucana. O presidente já foi vaiado em praça pública, "desmereceu" o título de cidadão honorário da bucólica Ibiúna, despencou nas pesquisas de popularidade, engoliu conselhos irônicos de ACM e críticas generalizadas sobre seu "imobilismo", sua inabilidade para lidar com pressões e com o Legislativo. Assim, vem perdendo apoio de seus próprios aliados, apoio a ser reconquistado com "os afagos" sugeridos pelos caciques, o que exige uma perda de tempo que só faz aumentar o círculo vicioso das críticas.

O cenário de desencanto seria normal, sobretudo para quem estréia na Presidência com tantas expectativas positivas. O pior, como é óbvio, decorre das crises que vêm afetando a credibilidade da política econômica e da equipe governamental. O eleito nas ondas da euforia da estabilidade da moeda, fica, naturalmente, vulnerável a qualquer flutuação negativa, e ainda mais quando estão em pauta assuntos tão cruciais quanto salário mínimo, arrocho no consumo e mudanças na Previdência Social.

Tudo isso é sabido. O que me parece grave, e chega a assustar no comportamento do presidente e de seu grupo mais próximo, é a persistência de uma olímpica arrogância, como se a vitória esplendorosa tivesse garantido uma legitimidade imutável, beirando a irresponsabilidade política. Mais grave, ainda, parece-me

a falta de uma cobrança séria dos setores mais organizados da sociedade civil, efetivamente comprometida com o interesse público, e não com "conquista de espaços". É por isso que não estou bem convencida sobre o fim da lua de mel. Apesar de tudo, FHC ainda se parece com a imagem criada por jornalistas durante a campanha, a do candidato "teflon", no qual nada gruda de "sujo", de inconveniente.

O QUE CHEGA A ASSUSTAR NO COMPORTAMENTO DO PRESIDENTE É A PERSISTÊNCIA DE UMA OLÍMPICA ARROGÂNCIA.

Senão, vejamos. O presidente de um país líder do continente com trágicos problemas sociais, despreza a oportunidade de falar na cúpula mundial de Copenhage, mas não descarta de uma viagem quase sentimental ao Chile. O todo-poderoso ex-ministro da Fazenda, que veio articulando o Plano Real desde o início, declara-se incompetente para explicar a crise cambial e não se sente responsável pelos sete bilhões de dólares que seu fiel tecnocrata do Banco Central torrou para salvar a moeda de suas próprias trapalhadas. O projeto Sivam é denunciado em várias instâncias, inclusive com sérias repercussões no Exterior, e o chefe do governo, embora tenha defendido a "diplomacia presidencial", mantém-se alheio ao problema. Inaugura,

com generosa publicidade, um programa de reforço ao ensino básico (Acorda Brasil), mas até agora não se sabe o que foi feito do Plano Decenal de Educação, aprovado no final do governo anterior. O que se soube, aliás, de sua amável condescendência com os professores, foi a declaração (para justificar o fim da aposentadoria especial), de que "se sente muito bem para voltar a dar aulas aos 63 anos", frase tomada

como piada de péssimo gosto pela imensa maioria do magistério público de primeiro e segundo graus, desgastada pelo aviltamento salarial, precárias condições de trabalho e ridículas aposentadorias.

A última demonstração de despreparo para o poder democrático foi a reação do presidente diante das manifestações de rua no Rio de Janeiro, reprimidas pela polícia do Exército. É claro que ele não poderia gostar das hostilidades, mas era de se esperar que um cientista social de origem marxista e treinado na oposição à repressão do regime militar demonstrasse maior compreensão diante de confrontos, inevitáveis em qualquer democracia. Ora, até a rainha da Inglaterra já levou ovo podre em

seus belos chapéus, sem perder a pose. Mas o nosso príncipe dos sociólogos logo enxergou, no movimento contra privatização e reformas constitucionais, a ação solerte (ah, tempos sombrios) dos "derrotados nas eleições", de sindicalistas baderneiros, que não têm juízo e "só sabem fazer barulho". O que é isso, companheiro? Com essa postura, FHC deveria, por coerência, renunciar ao charme de seu passado de opositor da ditadura, e deixar de se gabar de ter estado ao lado de Lula nas então chamadas "badernas" dos sindicalistas do ABC paulista.

Enfim, o que me espanta é a benevolência com essas e outras derrapadas de Fernando Henrique Cardoso, que não tem, é claro, a obrigação de acertar sempre. Alguns jornalistas mantêm suas penas afiadas, mas em boa parte da "academia", que se orgulha do colega presidente, o estado de graça parece intoxicado. Ora, o dever de todo intelectual é o compromisso com a dúvida, a abertura para a crítica, a renúncia ao conforto da adesão incondicional. Portanto, coragem, pessoal; a democracia pela qual lutamos não é, nem será nunca, uma ação entre amigos.

A AUTORA

Maria Victoria
Benevides é
professora da
Faculdade de
Educação da USP

